

## **A experiência na pesquisa em geografia humanista: aberturas e desafios**

### **Research experience in humanist geography: openings and challenges**

David E. Madeira Davim  
Doutorando em Geografia - Unicamp  
davidavim@hotmail.com

#### **Resumo**

Trata-se de uma grande dificuldade eger as principais aberturas e desafios de uma proposta de conhecimento. No caso da geografia humanista, o horizonte particular de tal problema se revela muito vasto, considerando a sua riqueza de possibilidades investigativas. Todavia, apontamos aqui quatro problemas específicos e estratégicos a considerar no ato de pesquisa: a suspeita para com o habitual; o reconhecimento de que a vida tenciona a pesquisa; considerar que o texto é experiência válida; tomar a Filosofia como uma necessidade. Aberturas que, ao mesmo tempo, se revelam desafios perpétuos, sobretudo para uma vertente geográfica que se propõe crítica, principalmente a si mesma enquanto caminho para o conhecimento.

**Palavras-chave:** Geografia humanista, experiência de vida, Filosofia.

#### **Abstract**

It is a great difficulty for us to choose the main openings and challenges of a knowledge proposal. For humanist geography this is a question that is very broad, given its multiple possibilities of investigation. Even so, we point out in this article four strategic problems to consider during a research: suspicion of the usual answers; recognize that life proposes research; consider that the text is an experience; to study Philosophy out of necessity. These proposed openings coincide with the challenges, especially for a type of geography that calls itself critical of the path of knowledge.

**Keywords:** Humanist geography, life experience, Philosophy.

#### **Abertura**

A geografia humanista é um campo vasto do conhecimento geográfico. Ela transita por preocupações comuns às vertentes culturalistas, existencialistas, fenomenológicas e da geografia da percepção. Como bem interpretado por Holzer (2016), sua vocação fundamental é propor uma geografia que trate do humano para além de uma concepção

convencional, pautada, exclusivamente, no racionalismo e no pragmatismo científico. O humanismo, neste caso, explora o valor da sensibilidade, da imanência, dos sentimentos e da subjetividade para a compreensão dos meios geográficos, assim como da ação, ou manifestação humana, neste mesmo meio e a partir destas esferas. A nosso ver, a proposta fundamental da geografia humanista já tenciona grandes desafios, dentre um dos mais emergentes, o melhor reconhecimento, sobretudo pelas outras escolas e vertentes geográficas.

Caso exploremos particularidades, em meio às possíveis dificuldades e aberturas da geografia humanista, um vasto universo se abre diante de nós. Diferentemente de outras vertentes, a geografia humanista não conta com temas ou problemas já resolvidos e superados. Como ela está sempre em movimento, reavaliando e refletindo sobre seu próprio caminho, conduta e resultados, os desafios iniciais ainda despertam interesse e sempre exigem esforços compreensivos, assim como os temas fundamentais carecem de ser revisitados, o que coloca abertura e desafio como elementos que, muitas vezes, se coincidem.

Neste escrito trouxemos o que apostamos ser quatro desafios à geografia humanista que também podem ser interpretados como aberturas, já que, alguns deles, referem-se às questões históricas desta vertente. A primeira abertura-desafio se configura como uma questão pertencente à linha mais fenomenológica da geografia humanista, já que se debruça sobre a suspeita referente às atitudes habituais (ou naturais) da pesquisa, tema intimamente atrelado ao procedimento de redução fenomenológica que influenciou diversas leituras (HUSSERL, 1990; SAFRANSKI, 2000). Sobre as demais aberturas-desafios, as entendemos como preocupações mais universais para a vertente, apesar de seus nítidos reflexos sobre a linha fenomenológica. Seriam elas: primeiro, a compreensão de que é a experiência de vida que intenciona a pesquisa; em seguida, reconhecer que o texto propositivo (seja literário, filosófico ou científico) pode ser visto como reflexo direto da própria vivência; por fim, tomar a Filosofia como uma necessidade que soma muito ao trabalho de pesquisa em geografia humanista, sendo esta comunhão uma característica fundamental do período germinal da ciência geográfica (LA BLACHE, 2001).

## **Suspeita e questionamento sobre o habitual**

A geografia humanista, apesar de sua longa trajetória que, como nos lembra Holzer (2016), praticamente se inicia no alvorecer do século XX, ressurge e renova-se a cada geração de pesquisadores, como possibilidade investigativa em meio a esta busca por novas perspectivas de leitura sobre a multiplicidade do real. É de se destacar, como estímulo para estas buscas, as recorrentes suspeitas sobre modelos aprioristas, universalistas e, sobretudo, racionalistas, suspeitas estas que se multiplicaram neste contexto em que vivemos, onde, cada vez mais, ganha voz as propostas pós-modernas de conhecimento. O interpretativismo contextual dos fenômenos, assim como dos objetos e acontecimentos, algo muito contestado pelas vertentes já consolidadas (que acusam essa disposição de relativismo vazio), vem se apresentando como um viés de análise com muitas afinidades para com a orientação humanista, sobretudo para com o método fenomenológico (apesar de profundas incompatibilidades), além de trazer consigo elementos que amenizam os percalços de adaptação entre vertentes.

Interpretamos que as suspeitas sobre o que se vê estabelecido como verdade no conhecimento é um dos mais importantes elementos críticos da vertente humanista. Fator que, inclusive, como apontado por Marandola Jr. (2016), pode e já vem alimentando um movimento crítico para além do epistemológico, a exemplo do campo político, da ética, assim como da cultura e arte, algo que as demais vertentes, em breve, se verão estimuladas a reconhecer. Deste ponto de vista, é muito equivocado, por exemplo, afirmar que o humanismo na Geografia pende para a manutenção de velhas estruturas de pensamento e poder, que reforçam princípios pragmáticos, servis à exploração, à coerção, à alienação, à perseguição e à exclusão, seja no âmbito científico, político ou social. Tais acusações precipitadas acabam por isolar e excluir muitas vezes a geografia humanista (e seus respectivos pesquisadores) do diálogo com as demais correntes e os grandes temas da Geografia contemporânea.

Assim como as correntes críticas, a geografia humanista, na leitura de Holzer (2016), sempre sustentou posição antagônica, porém não excludente, diante do positivismo, do cartesianismo, do mecanicismo e do quantitativismo. Há de se confirmar tal tendência na postura do geógrafo francês (um dos pioneiros nessa vertente) Éric Dardel (2011), ao criticar

na geografia contemporânea (sobretudo na nova geografia), uma ânsia por medir e calcular a terra, não para os fins do conhecimento, mas para os intuítos utilitários. A vertente vem se esforçando ao máximo para se manter reflexiva sobre estas orientações, uma reflexão que recai, constantemente, sobre si. Antes de tudo, o humanismo na geografia é um apelo à multiplicidade, ao alhures, às novas abordagens, além de denúncia contra as formas e visões habituais, as leituras inertes e incapazes de repensar a si mesmas.

Ao mesmo tempo que a posição crítica contra as formas habituais nos parece um caminho coerente e convidativo, a aplicação aguda desta reflexão continua sendo um grande desafio. Isso por que é muito mais simples estender um olhar crítico sobre o modo de fazer do outro, principalmente se o outro é um adversário discursivo. A dificuldade maior, no entanto, é explorar, dentro de si, o habitual, perspectivas que já se cristalizaram (perderam o viço), posição que a fenomenologia, por exemplo, desenvolveu como caminho imprescindível e que se concretizou na redução fenomenológica (HUSSERL, 1990). Um dos princípios metodológicos fundamentais da fenomenologia (tomamos, por exemplo, a husserliana) é suspender atitudes naturais, o que consiste, de modo prático, em questionar hipóteses, pré-concepções, terminologias, conceitos, narrativas e representações corriqueiras, que nós mesmos usamos, sem refletir de modo rigoroso. Deste modo, é possível afirmar que a posição crítica da geografia humanista começa de dentro, como auto-crítica.

É muito frustrante constatar em nossa disposição de pesquisa, a presença de vícios teóricos e conceituais que foram inculcados, não só no processo de formação científica, como no aprendizado cultural, na vivência cotidiana, absorção conduzida pelas nossas próprias mãos e pelas mãos e interesses de instituições, sobretudo as tradicionais. O humanismo é também um caminho, ou busca constante por conhecer a nós mesmos, na maioria das vezes uma busca muito dolorosa. Todavia, é por meio desta frustração que as transformações acontecem. Deste modo, tomando por inspiração as leituras de Heidegger (2009a), é possível refletir que a angústia é um afeto fundamental na experiência em geografia humanista. Não só a angústia se faz importante para a investigação e o esclarecimento sobre a natureza dos fenômenos, como qualquer um dos afetos que a nossa moral triunfante condenou como “mau sentimento”, a saber, o medo, o risco, a insegurança, o ódio, a dor, o ressentimento, entre outros tantos. É preciso rigor interpretativo sobre quaisquer dos afetos que nos interpelam

durante as experiências, pois eles são um dos nossos principais elos com a terra, com a sensibilidade do corpo e com efetividade do mundo concreto (NIETZSCHE, 2011a, 2011b).

Suspender as atitudes naturais como um esforço de interioridade, ou seja, procurar dentro de si (no modo de pensar) pré-concepções habituais, é também desobstruir, ou desentulhar a exterioridade. É preciso manter-se, constantemente, atento e ativo para descongestionar as determinações *a priori* que o modo de ver e pensar o mundo estabelece sobre o próprio mundo (SAFRANSKI, 2000). Isso quer dizer que os vícios da mente encobrem a terra de enganos, escondem de nós a natureza das coisas, ou as essências, como prefere Heidegger (2009b). Por isso, é válido sempre pensar sobre a mais conhecida entre as máximas da fenomenologia, “voltar às coisas mesmas”, ou seja, desviar das imagens enganosas que, habitualmente, projetamos sobre as coisas, sendo estas, na maioria das vezes, imagens de nosso próprio reflexo, ou o reflexo de nossa própria cultura .

Há quem condene que esse exercício é um intuito de manter-se neutro no desafio do conhecimento. Vemos isso de outro modo. O humanismo não busca anular a condição do humano no esforço e na situação do saber. Se assim fosse, sequer poderia se considerar humanismo. Os caminhos do pensamento, modelos, conceitos e linguagens habituais, são os verdadeiros elementos que nos afastam de nós mesmos, que iludem e neutralizam a nossa experiência direta com as coisas e fenômenos do mundo. É a atitude natural que nos impede, por exemplo, de nos depararmos, abertamente, diante das circunstâncias vividas. Isso porque, municiados de representações prévias, não vemos as coisas, e sim, o reflexo de nossas pré-concepções e as confirmações de nossas hipóteses mais tardias.

Para que o humanismo cumpra esse retorno às coisas mesmas, é preciso que o ser humano se coloque aberto diante do acontecimento, inserido e até mesmo despreparado (ou desarmado) discursivamente diante dos fenômenos, em meio aos instantes e circunstâncias, para que possa, no “aqui e agora”, na dimensão súbita da experiência, se deparar com a vida de maneira visceral, sem intermediários idealistas, metafísicos ou aprioristas. Tal proceder não é uma negação radical da teoria, como muitos críticos alertam de modo precipitado. A teoria será sempre considerada na leitura humanista, principalmente a *posteriori*, após o exercício da experiência, para que haja de fato uma confirmação honesta sobre hipóteses e construtos anteriores. No entanto, a teoria não é utilizada aqui como modelo interpretativo a

*priori*, ou como *práxis* corriqueira, algo comum entre as demais vertentes. Este esforço está entre as buscas mais difíceis, porém, nos possibilita compreender a terra em outras profundidades.

É preciso destacar que, apesar das opiniões contrárias, considerando inclusive as de origens internas (na geografia humanista), tomamos a fenomenologia como método e como proposta de ciência. É certo que se faz necessário transvalorar o significado destes termos, ou melhor, resgatá-los em suas origens, para não criar uma contradição desnecessária e uma má interpretação. Entendemos a fenomenologia como método, de modo semelhante a Heidegger (2009a), ao tratar do sentido de ciência. Neste raciocínio, a fenomenologia é um método no sentido originário da palavra, ou seja, um caminho, um modo de conduta, portanto, uma postura de como fazer, que nos conduz ao conhecimento e a compreensão sobre a própria vida. O sentido aqui explorado foge do formato convencional de norma científica, procedimento padrão, experimental, mecânico e pragmático, profundamente comprometido com o arrojo técnico e com intenções econômicas, políticas e utilitárias. A fenomenologia, como caminho para o saber, atende às necessidades de uma intenção existencial de fazer ciência. Deste modo, ela se apresenta como um caminho de compreensão, que considera a circunstância vivida, a existência, o imanente, os afetos, a intersubjetividade, entre outros tantos elementos aqui explorados.

### **A vida é quem intenciona e propõe a pesquisa**

Outro desafio que até hoje se encontra em movimento na relação com a geografia humanista é o como nos envolvemos com um tema de pesquisa. Muitas vezes nos colocamos diante de problemas, ou questões, recorrendo a certos pragmatismos como, por exemplo, os interesses específicos de um determinado grupo de pesquisa (ou orientador), ou mesmo uma demanda interpretada como emergente, ou politicamente necessária. Muitas vezes nos deixamos seduzir pela potencialidade de repercussão de um tema, o interesse de um determinado público, ou mesmo pelo vazio analítico de um tipo de assunto, o que nos faz ambicionar por supostos ineditismos. Nada disso deve orientar, em um primeiro momento,

uma pesquisa em geografia humanista. A pesquisa nasce da própria situação, ou seja, é o tema que muitas vezes escolhe o investigador. Isso não quer dizer que a pesquisa em geografia humanista se efetive a partir de um determinismo geográfico, de uma simples anulação de sujeitos, ou de uma passividade analítica. Isso significa, na verdade, que o problema tem que estar em íntima relação com o vivente e isso se dá, necessariamente, pelas exigências que a pesquisa humanista propõe aos seus envolvidos.

Ser íntimo do tema de pesquisa não significa, necessariamente, assumir a posição de *insider* sobre um determinado problema, ou fenômeno, isto é, ser um autóctone, nativo ou um vivente local de determinada fração da realidade, ou acontecimento. Todavia, tal estilo de pesquisa exige um envolvimento, que se faz frutífero ao adentrar a dimensão afetiva, o que já rechaça as acusações e rótulos de neutralidade científica, que a vertente venha a receber. Ser *insider* sobre um tema pode facilitar ou pode prejudicar bastante o empreendimento. No que corresponde ao prejuízo, o *insider* geralmente corre o risco de estar preso a uma vasta gama de representações apriorísticas sobre determinado fenômeno. De um ponto de vista fenomenológico, não é qualquer experiência que possui plenos poderes de investigação e de construção de conhecimento. A experiência tem de ser a mais originária possível, ou como propõe Husserl (1990), deve pôr entre parênteses as atitudes naturais.

Por outro lado, o pesquisador *insider*, ciente, ou naturalmente afeito aos procedimentos, pode muito bem se valer do fluido e já conquistado acesso ao lugar, ou grupo pesquisado. Outra vantagem é recorrer, facilmente, a um vasto repertório de memórias, sobretudo afetivas e coletivas, que podem oferecer elementos importantes para a investigação. Para isso, é preciso refletir, cuidadosamente, sobre as memórias. No entanto, nada é tão ou mais importante que a circunstancialidade da escala da experiência (MARANDOLA, JR., 2016). Pensando nisso, a geografia humanista e de cunho fenomenológico se faz uma opção democrática, já que coloca em condições de igualdade, viventes e pesquisadores, sejam estes experientes e iniciantes, teóricos com pouco ou vasto conteúdo, *insider* e *outsider*. A circunstância, assim como o envolvimento para com ela, é o nervo fundamental da busca pela compreensão sobre o fenômeno e sobre o próprio meio geográfico.

Muitas vezes o vivente, que se faz pesquisador, já se encontra em um contexto fenomenal de pesquisa, sendo esse um ingrediente dentre os mais importantes. O que, no

entanto, afasta o vivente da circunstância é não se dar conta dela, já que, habitualmente, nos encontramos cegos pelo efeito das representações. Outra variável é o gosto relativo ao fenômeno (HEIDEGGER, 2010). Muitas vezes nos vemos na circunstância apropriada para um bom tema de investigação. Por outro lado, o problema não nos atrai, não nos sensibilizar, ou se quer nos incomoda. É preciso, portanto, encontrar o ponto de equilíbrio produtor, a saber, estar inserido no contexto, ou procurar adentrá-lo da maneira mais íntima, experiencial e afetiva possível, além de ter total interesse por ele, gosto e desejo. Isso demonstra, mais uma vez, que a geografia humanista, além de um esforço de compreensão sobre as externalidades do mundo e da vida, também é uma compreensão de si mesmo, um autoconhecimento, uma exploração sobre a interioridade.

A vida é, portanto, o que intenciona e propõe a pesquisa. É preciso estar atento aos seus sinais, assim como aos afetos (de todas as naturezas) que emergem em nós e em meio às circunstâncias. A dedicação profunda da vivência ao contexto é indispensável, sendo que isso não envolve só prazeres, mas também dores e angústias. Todos os sintomas são esclarecedores e esse é mais um dos difíceis desafios dessa proposta.

### **O texto é vida**

A experiência, sobretudo a concreta, é de um valor incontestável para o humanismo, destaque para a orientação fenomenológica (HOLZER, 2016). Todavia, no campo do conhecimento, seja científico, filosófico, ou mesmo artístico, é trivial repercutir as experiências pela linguagem, seja ela literária ou não. Mesmo que muitos sejam críticos desta ligação entre real e textual, a condição é incontornável, sobretudo para quem está na academia, para quem se vale de um modo ocidental de elaboração textual e precisa se expressar pela escrita. O que é justo problematizar é se a relação real-textual possui limitações, considerando as provocações de Nietzsche (2011a, 2011b). É de se reconhecer muitas limitações, porém não se pode negar a necessidade, incontornável, de se escrever sobre as experiências.

Há modos e mais modos de se discorrer sobre as pesquisas, seus respectivos temas e fenômenos analisados. Na geografia humanista, assim como na fenomenologia, a

interpretação é um modo muito próprio de se expor as conquistas da investigação. A interpretação da qual nos referimos deve, evidentemente, contar com um procedimento de abertura rigoroso em suas intenções. Não se pode, por exemplo, empreender intelecções e depoimentos sobre um determinado problema sem a mínima vivência, ou sem a imanência originária, ou seja, aquela desvincilhada das pré-concepções habituais e que busca apreender a coisa, ou o fenômeno, pela súbita e direta sensibilidade (DAVIM e MARANDOLA JR., 2016). É este crivo da vida que é capaz de estabelecer lastros de autenticidade ao texto, que, ainda assim, perderá em plena correspondência para com o real, caso sigamos uma linha interpretativa que considere a diferença, a exemplo da hermenêutica nietzschiana (GRANIER, 2009; NIETZSCHE, 2011a, 2011b).

No entanto, é possível se valer dos textos genuinamente humanistas para ter acesso a elementos de experiências originárias sobre determinado fenômeno. É correto frisar que o texto humanista não se trata, necessariamente, de um texto alinhado epistemologicamente. O sentido do lastro é ter uma vivência originária, desprendida de representações habituais. Existem muitos literatos e filósofos não fenomenólogos que possuem tal virtude. Por seu turno, esse lastro possibilita contemplar experiências vividas pela leitura (portanto, de revivê-las com outros olhos), além de viver a própria leitura como uma experiência peculiar. Reviver a experiência pela leitura vai exigir, no entanto, analogias com a vida concreta do leitor (analogia por memória), além do exercício da imaginação e a afinação da sensibilidade.

Acreditamos ser muito possível, para um leitor sensível e atento, caminhar pelas experiências dos outros, sendo estes os autores, poetas, filósofos e outros pesquisadores. Ao nosso ver, tal movimento trata-se de um reviver aproximado, que também vale para o pensamento filosófico, que em si é também uma experiência. Muitas vezes, dependendo do pensador, a sua filosofia é impregnada de vivências, o que nos abre mais uma possibilidade investigativa sobre os temas, problemas, coisas e fenômenos da pesquisa. Interpretamos que a proximidade entre vida e obra é uma necessidade e exigência dentro do humanismo contemporâneo. Por mais interessante que isso seja, a questão também é comprometedora, assim como sujeita a inúmeras avaliações, sobretudo morais.

Para isso temos dois exemplos bem ilustrativos: os filósofos Martin Heidegger e Friedrich Nietzsche. O primeiro, um católico de origem camponesa e humilde. Formou-se praticamente como um filósofo clerical, mas que, com a maturidade e autonomia acadêmica, se desvencilhou das exigências intelectuais da Igreja. Estudante e filósofo notável, foi um dentre os poucos que conseguiu fazer de sua obra uma releitura e debate sobre toda a tradição ocidental. Estamos lidando aqui com um dos expoentes mais importantes da fenomenologia (KIRCHNER, 2009; SAFRANSKI, 2000).

Heidegger era amante das montanhas e das províncias camponesas. Viveu com sua gente, cultivou seus hábitos e foi conhecedor dos pensamentos do lugar. Se valeu, profundamente, dessa relação visceral com a Floresta Negra para pensar e desenvolver uma reflexão topológica, uma filosofia do fático que interpretamos como de natureza geofilosófica. Por outro lado, esse extraordinário pensador serviu ao partido nazista, manteve-se comprometido e relativamente obediente com esta instituição, do início ao fim da segunda guerra mundial. Nunca se retratou, apesar de ter sido julgado condenado e depois absolvido por sua militância (HEIDEGGER, 1977; KIRCHNER, 2009; SAFRANSKI, 2000).

Heidegger foi acusado de oportunismo político e de anti-semitismo institucional. Em decorrência do seu julgamento, foi internado durante um mês em um sanatório psiquiátrico. Casado, teve filhos que lutaram na guerra pela Alemanha de Hitler. Manteve uma relação extraconjugal com uma de suas estudantes e orientandas judias (Hannah Arendt). Foi considerado o maior dentre os filósofos de seu tempo, e, ao mesmo tempo, foi e continua sendo censurado, por vezes subtraído da cena intelectual contemporânea, por seu passado político (KIRCHNER, 2009; SAFRANSKI, 2000).

Tudo isso discorrido é relativo ao mesmo homem. A pergunta que se faz, no entanto, seria: Cabe escolher uma dentre as faces deste mesmo Heidegger? É um compromisso moral excluí-lo da cena intelectual? É razoável apreciá-lo pela sua obra, ou condená-lo por suas escolhas políticas? Heidegger é um fenomenólogo e humanista indiscutível. Porém, ariscamos dizer que tudo que entendemos por “bom” ou “ruim”, e que até então fora explorado nestes poucos parágrafos, pode está presente em sua obra. Sendo assim, não é possível se envolver com um autor pela metade. E é justamente por isso, por essa imensidão de contradições, que a obra de Heidegger se faz interessante e não apenas isso.

Trata-se de um testemunho do espírito de seu tempo, do caráter situacional de seu espaço, já que pensou profundamente sobre o que cabia ser pensado em seu contexto de vida e de mundo. No entanto, em nossa avaliação, é preciso ter muito cuidado interpretativo com a obra deste pensador. Na verdade é um dever nosso sermos rigorosos sobre a intencionalidade do que lemos e de quem escreveu. Mas, antes disso, é preciso cumprir primeiro o óbvio, que seria dedicar-se a lê-lo. Em seguida, é preciso ter o devido compromisso com algo fundamental durante a leitura: o nosso contexto e circunstância enquanto leitores.

O segundo seria Nietzsche, um luterano por imposição familiar. Órfão de pai, desde muito cedo. Criado e educado para ser pastor. Todavia, tornou-se filólogo clássico. Aluno brilhante se fez docente universitário aos 24 anos, sem defender um doutorado. Adorava música, assim como adorou Wagner e Schopenhauer por bons anos. Iniciou a carreira de docente na Basileia - Suíça. Tornou-se apátrida e mesmo assim, serviu na guerra franco-prussiana como enfermeiro (ASTOR, 2013; D'IORIO, 2014).

Ainda jovem, adoeceu gravemente, tendo que lidar, durante toda a vida, com fortes crises de enxaquecas, náuseas, visão ruim, problemas gastrointestinais e dores horríveis. Uns acusam a guerra, outros a sífilis e há os que acusam a má genética do pai. Se aposentou com 34 anos, incapaz de exercer a profissão. Viveu uma vida errante, em uma transumância entre os Alpes suíços e o Mediterrâneo. Assume-se filósofo, sem o crivo de uma escola ou tutor. Escreve suas principais obras viajando por distâncias ditadas pelos limites de sua saúde. Teve muitos amores não correspondidos, muitas amizades desfeitas, problemas com a mãe e irmã. Envelheceu aprofundando sua enfermidade, pobreza e solidão. Teve um colapso nervoso com 44 anos e permaneceu louco pelos últimos dez anos de sua vida. Ganhou leitores depois da demência, morreu de pneumonia ao lado da irmã, que tanto odiava (ASTOR, 2013; D'IORIO, 2014; GROS, 2010).

Talvez a pergunta que muitos ainda façam até hoje seria: Até que ponto a obra de Nietzsche não foi contaminada pelo signo da loucura? Sem dúvida trata-se de mais um compromisso e responsabilidade que devemos ter diante de nossas fontes. No entanto, temos aqui outras questões não menos importantes: O quanto de vida há em nossas leituras e pesquisas? O quanto de vida doamos aos nossos textos? Talvez estas sejam perguntas importantes para se fazer em uma pesquisa em geografia humanista. Há de se tomar como

exemplos estes dois pensadores aqui tratados. Ao nosso ver, assim como na visão de Buttimer (1990), humanistas indiscutíveis que resgataram a vida para a virtude do pensamento.

### **A exigência filosófica e multiplicidade epistemológica**

Considerando então que o texto também traz experiência e que o pensamento é o grande intermediário entre estes dois pontos, a geografia humanista preza pela Filosofia como uma das fontes fundamentais da pesquisa. Não é ela, como teoria, que determina a experiência, sobretudo o campo de pesquisa, mas é a partir dela (da Filosofia) que a geografia humanista pode edificar uma postura científica muito própria e desafiadora. A Filosofia não se faz constituinte desta proposta por vaidade intelectual. Seus pesquisadores não lêem os filósofos, sobretudo os contemporâneos (tão difíceis), por um objetivo exibicionista. A necessidade real está muito distante disso e, no momento, é preciso reconhecer que ela se dá de modo insuficiente, considerando a dificuldade atual que ainda se tem na Geografia em explorar textos filosóficos, sem uma formação básica e específica, além da inabilidade com uma multiplicidade de línguas estrangeiras, sobretudo as clássicas.

Valorizar a leitura filosófica está na raiz do humanismo, desde suas etapas mais tradicionais (do helenismo ao romantismo) até a contemporaneidade (CHAUÍ, 2001). A Filosofia é espelho, além de uma grande escola que nos inspira sobre as possibilidades de traduzir sentimento e pensamento em poética, em linguagem. Esse é o grande esforço da interpretação humanista. Optar por ela cumpre não só a vocação do humanismo, como da própria Geografia, pois a última nasce, na condição de uma ciência arcaica, juntamente com o pensamento filosófico. Recorremos aqui, como exemplo, à escola jônica (pré-socrática) composta por expoentes como Tales e Anaximandro de Mileto, ambos considerados, por referências seminais da Geografia (a exemplo de Humboldt e La Blache), fundadores das primeiras compreensões geográficas, pensadores da totalidade e da efetividade concreta, no tempo em que a Filosofia se debruçava sobre a *physis*, sobre *o cosmo*, ou sobre a complexidade orgânica do mundo exterior (CAVALCANTI e VIADANA, 2010).

Além disso, a Filosofia, no contexto da fundação da Geografia moderna, era um dos conhecimentos mais recorridos, base das reflexões epistemológicas e metodológicas, fundamento para as propostas conceituais. Todos os grandes geógrafos, do período de fundação, se valeram de filósofos para edificar suas proposições destacamos entre as referências Kant, Hegel, Herder, Schelling, Goethe. Posteriormente, foram surgindo Marx, Lukács, Gramsci, Sartre, Adorno e Lefebvre (SPOSITO, 2004; GOMES, 2011). Mais recentemente, Husserl, Heidegger, Foucault, Deleuze, assim por diante. Recorrer à Filosofia não deveria ser nada espantoso, ou extraordinário, e sim, como já posto, uma necessidade que nos acompanha, desde o princípio, como geógrafos. Se valer da Filosofia, portanto, é beber da fonte, é trilhar pelos elementos essenciais que geraram a própria Geografia como um caminho para se pensar a existência e a natureza do “onde” (do *topos*) e da situação (o acontecer).

Ariscamos dizer que, por via da Filosofia, todas as vertentes e escolas da Geografia já se valeram de elementos e facetas do humanismo, mesmo que isso não as faça uma geografia humanista. É muito conhecido, por exemplo, a crítica que Humboldt (1875) tinha sobre o uso exclusivo e restrito da racionalidade. Mesmo sendo um entusiasta e otimista do pensamento racional e sistemático, Humboldt reconhecia o valor de uma contemplação estética e sentimental dos fenômenos que compunham as paisagens. Ele afirmava que as expressões culturais sobre o meio, mesmo sendo de natureza mitológica, fantástica ou fabulosa, tinham serventia para a análise, portanto não deveriam ser desperdiçadas. No caso de Ritter isso se deu de maneira muito peculiar, considerando que este geógrafo, nascido na Filosofia, fora um dos pioneiros a tomar a ciência geográfica, como um saber interpretativo (hermenêutico), que tinha por objeto a harmonia geral, assim como a complexidade dos fatos e das leis causais da natureza, como uma espécie de texto a ser lido e traduzido por uma subjetividade de cunho metafísico (CAPEL, 1983; GOMES, 2011). Vê-se nestes exemplos uma nítida presença do romantismo alemão, que, como nos lembra Buttner (1990), trata-se de uma expressividade particular do humanismo e que muito reverberou, em determinados elementos, sobre a fenomenologia.

A Filosofia, muitas vezes, é o que oxigena, renova o fôlego e fortalece o sopro das abordagens humanistas. Na Geografia, não deveria ser diferente. Para cada tempo há um

debate teórico e conceitual em voga. Eles decorrem devido às situações concretas. Isso não quer dizer que não se deve ler os clássicos, muito pelo contrário. Há muitos clássicos incompreendidos, pouco examinados, alguns até desconhecidos. Além disso, é muito possível que proposições do século XVIII ainda estejam em debate. Muitos filósofos foram seres humanos à frente de seu tempo. Não nos remetemos aqui a gênios e suas profecias, mas às perspectivas e problemas sutilmente identificáveis em seu nascimento, fenômenos que só ganham maior visibilidade com o tempo. Sobre isso é preciso lembrar que o humanismo tem raízes na antiguidade clássica e a fenomenologia, por sua vez, já era intensamente discutida no início de século XX. Portanto, muitas vezes, foi preciso amadurecer os ouvidos e as mentes para se compreender lições de contextos pretéritos.

### **Desfecho**

É preciso que a geografia humanista, assim como toda a Geografia, se aproprie cada vez mais destes debates atuais e extemporâneos, por um esforço próprio, tomando como um dos caminhos o valor da experiência (em situação), em paralelo ao enfrentamento direto aos textos filosóficos, mas sem perder de vista nossos objetivos peculiares enquanto geógrafos e as propostas dos outros campos do saber. Ao nosso ver, é um péssimo sinal quando as demais ciências humanas não conseguem conversar com a Geografia, devido, muitas vezes, aos desencontros entre os temas eleitos como emergenciais. Não nos referimos às impossibilidades de escolha, mas às incompatibilidades entre as preocupações. Também é um mau sinal quando a Geografia busca se renovar, tendo sempre como impulso os modelos e movimentos de outras ciências afins. Pior quando a apropriação se dá de modo profundamente defasado, como se estivéssemos correndo atrás de algum prejuízo e tentando nos colocar no ritmo de um tempo que não é nosso.

Tendo tudo isso em conta, é preciso dialogar em sintonia com o nosso tempo e o pensamento dele decorrente. É o contexto que exige renovação. Afinal de contas, a pesquisa desenvolvida tem que expressar a face, ou o espírito de seu tempo. Tendo isso por postura, a Geografia pode, cada vez mais e melhor, traçar caminhos emergenciais por conta própria,

mais independente de influências tardias e, ao mesmo tempo, se colocar na mesa do debate em condições de igualdade com os demais campos do saber.

A renovação, por sua vez, exige não só apreço aos atuais debates filosóficos e científicos, mas também liberdade intelectual e constantes trocas múltiplas. A complexidade marcante de nosso tempo exige uma multiplicidade de visões, assim como variados métodos e arranjos epistemológicos (FEYERABEND, 2011). É impossível tomar uma única vertente como capaz de explorar plenamente a realidade, sequer um fenômeno em todas as suas facetas. A geografia humanista (como qualquer outra vertente) por si só, não dá conta do todo. É por essa razão e limite que seria mais produtora e interessante se soubéssemos aproveitar da multiplicidade epistemológica que está à nossa disposição, multiplicidade essa que precisa ser trabalhada via as trocas entre as vertentes. Ou seja, é preciso aproveitar de toda a riqueza que a Geografia conquistou nas últimas décadas (considerando os ganhos das leituras críticas, culturais, humanistas, fenomenologistas e pós-estruturalistas) e não promover uma profilaxia de método em busca de uma unidade de pesquisa disciplinada, rigorosamente burocratizada e orientada politicamente. Além disso, há uma real necessidade de alianças e colaboração entre as propostas. Ao mesmo tempo que deveria haver espaço para todos, também deveria haver espaços para o debate franco e o trabalho em conjunto.

O período de afirmação da geografia humanista, ao nosso ver, já passou, mesmo que ainda seja uma necessidade o reconhecimento dos demais pares, assim como expandir o campo de atuação e os exemplos de aplicação metodológica. Não se trata mais de uma novidade, considerando seus primeiros percussores, a exemplo de Carl Sauer e Éric Dardel, que realizaram importantes publicações nas décadas de 1930 e 1950, sem contar que sua efervescência se deu logo em seguida, nos anos de 1960 a 1980, via o trabalho dos geógrafos da escola de Berkeley (HOLZER, 2016). Suas orientações teóricas, filosóficas e epistemológicas já estão bem traçadas, mesmo sempre havendo espaço para novas referências, questionamentos e aprofundamentos. Porém, a vertente ainda precisa ganhar corpo prático e institucional. É preciso permitir que os currículos explorem suas bibliografias fundamentais, assim como também é preciso que cresça o número de pesquisadores envolvidos nas universidades, para que, em fim, a vertente seja melhor avaliada em suas potencialidades e empreendimentos.

Lamentamos que ainda falte à geografia humanista sentar a mesa com as demais vertentes para dialogar, debater, trocar visões, idéias e planejar caminhos. Suspeitamos também que a iniciativa maior deve partir dela. Trata-se, portanto de um esforço por convencer as demais vertentes de sua importância e papel, mesmo que para isso o tom inicial seja de desafio e intromissão. Boas iniciativas já apareceram e continuam a aparecer. Há uma série de pesquisadores sérios e comprometidos com a pesquisa, o ensino e a extensão, se valendo das bases humanistas em geografia e de sua multiplicidade de caminhos metodológicos. Seus trabalhos estão sendo publicados nas revistas mais respeitadas e conceituadas da cena geográfica brasileira. Seus eventos estão percorrendo a diversidade do universo acadêmico nacional, sobretudo nos grandes centros. A esperança é que o debate se aprofunde, que o reconhecimento seja cada vez mais recíproco e que os possíveis trabalhos em conjunto, em fim, floresçam. Talvez esse seja o desafio-abertura mais abrangente e emergente, que extrapola os limites epistemológicos.

## Referências

- ASTOR, Dorian. **Nietzsche**. Tradução de Gustavo A. Feix. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- BUTTNER, Anne. Geography, Humanism, and Global Concern. **Annals of the Association of American Geographers**, 80 (1), pp. 1-33, 1990.
- CAPEL, Horácio. **Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea**: una introducción a la Geografía. Barcelona: Barcanova, 1983.
- CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito; VIADANA, Adler Guilherme. Fundamentos históricos da Geografia: contribuições do pensamento filosófico na Grécia antiga. In: GODOY, Paulo R. T. (Org). **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- CHAUÍ, Marilena. As Humanidades contra o Humanismo. In: SANTOS, Gislene A. (Org.). **Universidade, Formação, Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2001, v. 1, p 15-32.
- DARDEL, Éric, **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- DAVIM, David E. Madeira; MARANDOLA JR., Eduardo. O pensamento fenomenológico na educação geográfica: caminhos para uma aproximação entre cultura e ciência. *Caderno de Geografia*, Belo Horizonte. v. 26, p. 684-713, 2016.

D'IORIO, Paolo. *Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia*. Tradução: Joana Angélica d'Avila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

FEYERABEND, P. *Contra o método*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

GRANIER, Jean. *Nietzsche*. Tradução: Denise Bootmann. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009.

GROS, Frédéric. *Caminhar, uma filosofia*. Tradução de Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Filosofia*. 2. ed. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2009a.

\_\_\_\_\_. Por que permanecemos na província? Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. In: *Cultura Vozes*, "Homenagem a Heidegger", Petrópolis, ano 71, n. 4, 1977.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche (1)*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. *Sobre o Humanismo*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009b.

HOLZER, Werther. *A geografia humanista: sua trajetória 1950 - 1990*. Londrina: Eduel, 2016.

HUMBOLDT, Alexander von. *Cosmos: Ensayo de una descripción física del mundo*. Vol I. Belgica: Editor Eduardo Perié, 1875.

HUSSERL, E. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1990.

KIRCHNER, Renato. A caminho do pensamento e da poesia. *Theoria*, Pouso Alegre, v. 1, p. 11-35, 2009.

LA BLACHE, Paul Vidal de. O princípio da Geografia Geral. *Geographia*, Niteroi, v.3, n.6, 2001.

MARANDOLA JR., Eduardo. Geografias do porvir: a fenomenologia com abertura para o fazer geográfico. In: Eliseu Savério Sposito; Charlei Aparecido da Silva; João Lima Sant'Anna Neto; Everaldo Santos Melazzo. (Org.). *A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação*. 1ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2016, p. 451-466.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011b.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger, um mestre na Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

SPOSITO, E. *Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.